

CONSCIÊNCIA DE PARTIDO

Camillo Berneri

Somos imaturos. Isso é demonstrado pelo que foi discutido na **União Anarquista** fazendo sutilezas sobre as palavras **partido, movimento**, sem entender que a questão não é de forma, mas de substância, e que o que nos falta não é a exterioridade do partido mas a consciência de partido.

O que entendo por consciência de partido?

Entendo algo mais que o fermento passional de uma idéia, que a genérica exaltação de ideais. Entendo o conteúdo específico de um programa partidário. Estamos desprovidos de consciência política, no sentido de que não temos consciência dos problemas atuais e continuamos difundindo soluções adquiridas em nossa literatura de propaganda. Somos utópicos e basta. O fato de haver editores nossos que continuem reeditando os escritos dos mestres sem nunca incluir uma nota crítica, demonstra que nossa cultura e nossa propaganda estão nas mãos de gente que pretende manter em pé o próprio palanque em vez de impulsionar o movimento a sair do que já foi pensado e esforçar-se na crítica, do que ainda está por se pensar. O fato de haver polemistas que tentam engarrar o adversário em vez de buscar a verdade, demonstra que entre nós há maçons em sentido intelectual. Agregamos os grafômanos, para quem o artigo é um desafio ou uma vaidade, e teremos um conjunto de elementos que perturbam o trabalho de renovação iniciado por um punhado de independentes que prometem.

O anarquismo deve ser amplo em suas concepções, audaz, insaciável. Se quer viver e cumprir sua missão de vanguarda deve diferenciar-se e conservar alta sua bandeira, ainda que isto possa isolá-lo e restringi-lo ao seu próprio círculo. Mas esta especificidade de seu caráter e de sua missão não exclui um maior enraizamento de sua ação nas fraturas da sociedade que morre e não nas construções apriorísticas dos arquitetos do futuro. Semelhante às investigações científicas, a hipótese pode iluminar o caminho da indagação, mas esta luz se apaga quando resulta falsa, o anarquismo deve conservar aquele conjunto de princípios gerais que constituem a base de seu pensamento e o alimento passional de sua ação, mas deve saber afrontar o complicado mecanismo da sociedade atual sem óculos doutrinários e sem excessivos apegos a integridade de sua fé. (...)

Chegou a hora de acabar com os farmacêuticos das formulinhas complicadas que não enxergam além de seu nariz; chegou a hora de acabar com os charlatões que embriagam o público com belas frases altissonantes; chegou a hora de acabar com os simplórios que têm três ou quatro idéias cravadas na cabeça e exercem como senhores do fogo sagrado do ideal, distribuindo excomunhões. (...)

O que tenha um pingote de inteligência e de boa vontade que se esforce com seu próprio pensamento, que trate de ler na realidade algo além do que lê nos livros e periódicos. Estudar os problemas de hoje quer dizer erradicar as idéias não pensadas, quer dizer ampliar a esfera da própria influência como propagandista, quer dizer dar um passo adiante, inclusive um bom salto de longitude a nosso movimento.

É preciso buscar as soluções enfrentando os problemas. É preciso que adotemos novos hábitos mentais. Da mesma forma que o naturalismo superou a escolástica medieval lendo o grande livro da natureza em vez dos textos aristotélicos, o anarquismo superará o pedante socialismo científico, o comunismo doutrinário fechado em suas casinhas apriorísticas e a todas as demais ideologias cristalizadas.

Entendo por anarquismo crítico um anarquismo que, sem ser cético, não se contente com as verdades adquiridas, com as fórmulas simplistas; um anarquismo idealista e ao mesmo tempo realista; um anarquismo, em definitivo, que enxerte novas verdades no tronco de suas verdades fundamentais, que saiba podar os ramos velhos.

Não um trabalho de fácil demolição, de niilismo hipercrítico, mas de renovação que enriqueça o patrimônio original e lhe agregue forças e belezas novas. Temos de realizar este trabalho agora, porque amanhã deveremos reemprender a luta, que não se encaixa bem com o pensamento, especialmente para nós que nunca podemos nos retirar das trincheiras quando recrudescer a batalha.

Pagine Libertarie, Milão, 20 de novembro de 1922